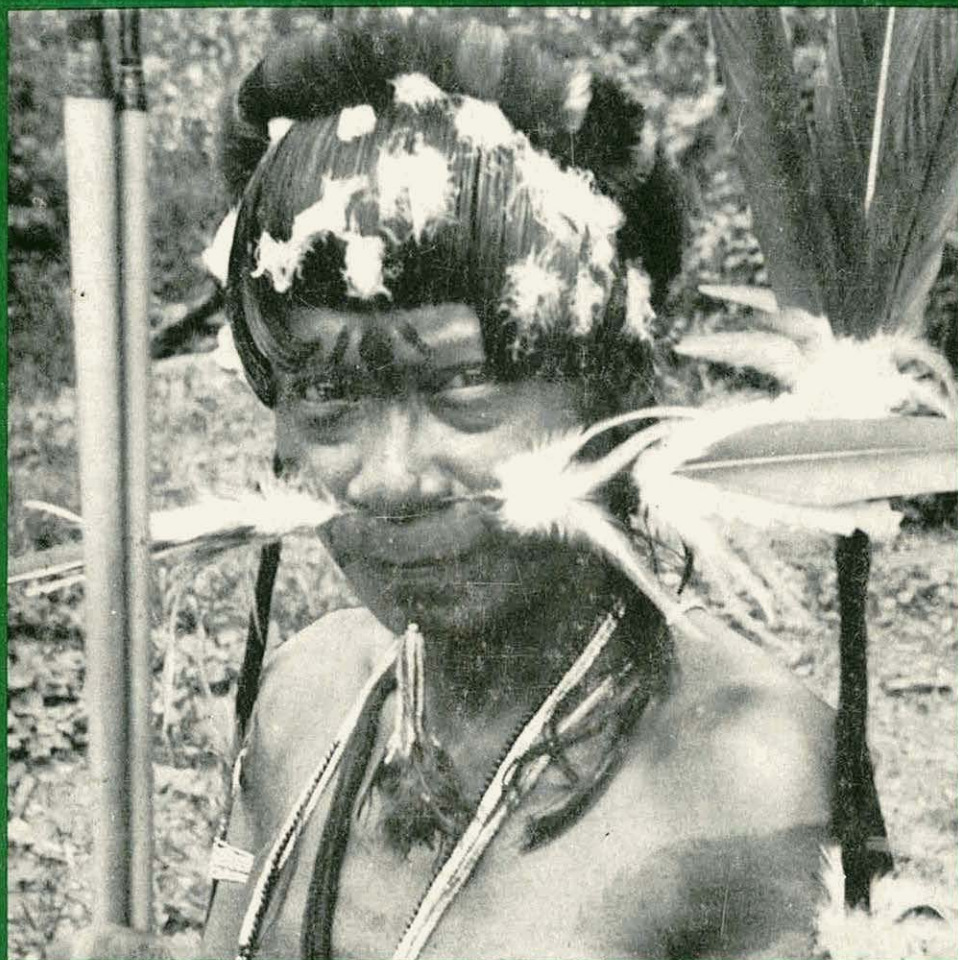


VÖLKERKUNDLICHE ABHANDLUNGEN BAND V
HERAUSGEGEBEN VON HANS BECHER



PROTASIO FRIKEL

OS TIRIYÓ

SEU SISTEMA ADAPTATIVO

KOMMISSIONSVERLAG MÜNSTERMANN-DRUCK KG HANNOVER 1973

VÖLKERKUNDLICHE ABHANDLUNGEN · BAND V

PUBLIKATIONSREIHE
DER VÖLKERKUNDE-ABTEILUNG
DES NIEDERSÄCHSISCHEN LANDESMUSEUMS
UND DER ETHNOLOGISCHEN GESELLSCHAFT HANNOVER E. V.

HERAUSGEGEBEN VON HANS BECHER

MUSEU DE ARQUEOLOGIA
E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE S. PAULO
BIBLIOTECA

PROTÁSIO FRIKEL

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
BELÉM — PARÁ
BOLSISTA do C. N. Pq.

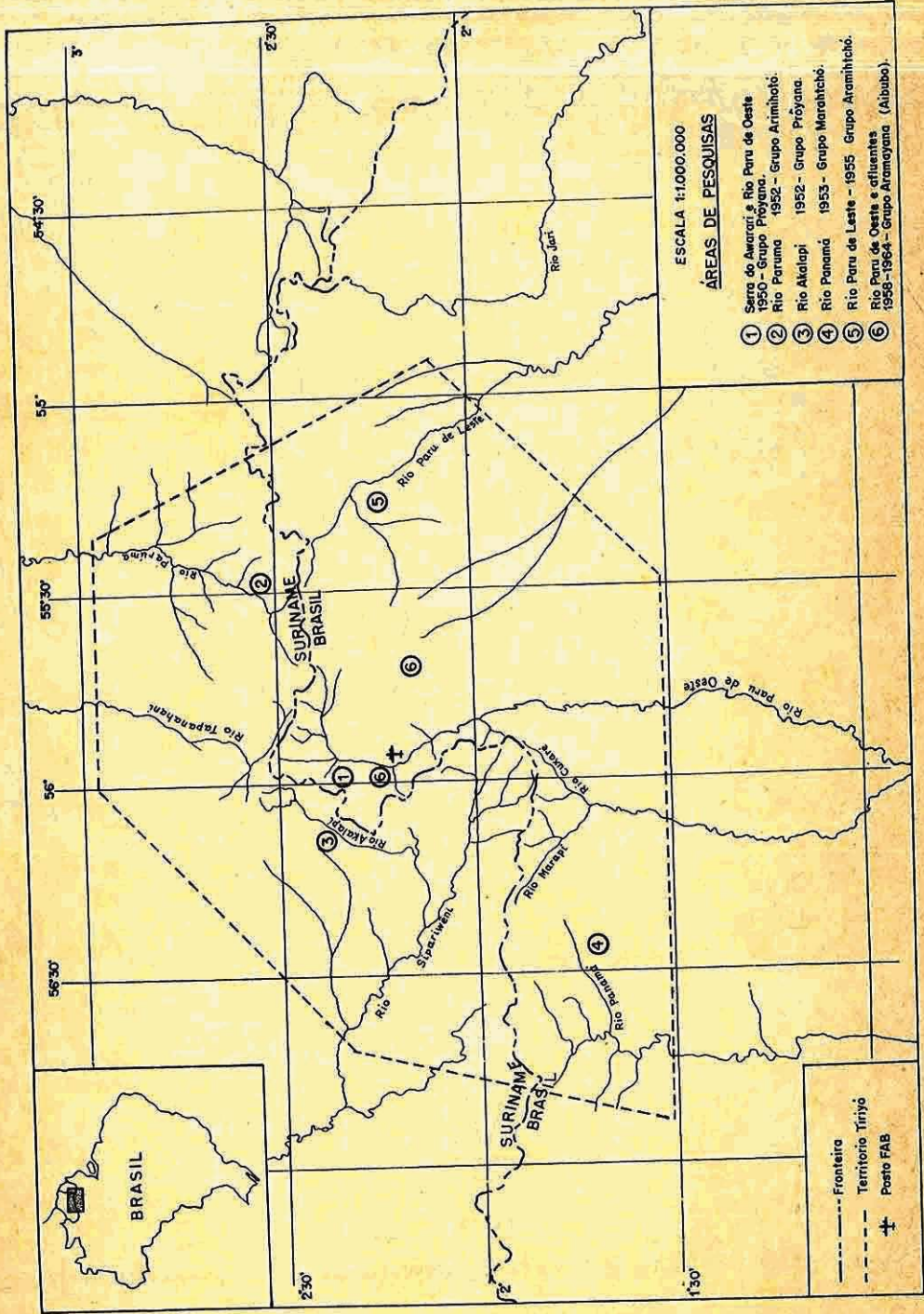
OS TIRIYÓ

SEU SISTEMA ADAPTATIVO



1973

KOMMISSIONSVERLAG MÜNSTERMANN-DRUCK KG · HANNOVER



ESCALA 1:1.000.000

ÁREAS DE PESQUISAS

- ① Serra do Awarari e Rio Paru de Oeste 1950 - Grupo Proyana.
- ② Rio Paruma 1952 - Grupo Arimihó.
- ③ Rio Akaiapi 1952 - Grupo Proyana.
- ④ Rio Panamá 1953 - Grupo Marahitcho.
- ⑤ Rio Paru de Leste - 1955 Grupo Aromihitcho.
- ⑥ Rio Paru de Oeste e afluentes 1958-1964 - Grupo Aromeyana (Aibubo).

- Fronteira
- Territorio Tiriyo
- + Posto FAB

Homenagem
ao
Dr. Eduardo Galvão

a quem devemos muito da nossa formação antropológica e que por suas valiosas sugestões e seu espírito de solidariedade muito contribuiu para a realização dêste trabalho.

Agradecimentos

Desejamos deixar patente a nossa gratidão a todos os que apoiaram êstes estudos Tiriyo, feitos durante várias excursões à região do Tumucumaque.

Nosso reconhecimento aos diretores do Museu Paraense Emilio Goeldi, nas respectivas épocas de sua administração: aos srs. Dr. Walter Egler (entretanto falecido), Dr. Dalcy de Oliveira Albuquerque e Dr. Luiz Miguel Scaff; aos nossos colegas de profissão do Museu Goeldi e a todos aquêles que, de qualquer maneira, nos ajudaram, fazendo revisões ou datilografando, desenhando e preparando cópias fotográficas.

Gratos somos também aos Missionários e aos Superiores dos Franciscanos da Província de Santo Antônio, por nos terem facilitado o trabalho entre os Tiriyo do alto Paru de Oeste.

De um modo especial queremos mostrar-nos reconhecidos ao sr. Dr. Hans Becher (Hannover, Alemanha) que com real interesse se submeteu aos trabalhos da edição dêste volume.

Protásio Frikel

Redaktion:
Dr. Hans Becher
Völkerkunde-Abteilung
des Niedersächsischen Landesmuseums
3 Hannover · Am Maschpark 5 · Tel.: 88 30 51, App. 22

Na capa:
Índio Tiriyo do grupo Prôyana,
em trajes de festa

Titelbild:
Tiriyo-Indianer der Prôyana-Gruppe in Festtracht

GW ISSN 0073-0270

Printed in Germany

Druck: Münstermann-Druck KG · Hannover

Índice

Mapa: Áreas de pesquisas	II
Prefácio do Editor	IX
Foreword	X
Vorwort	XI
Introdução	XIII
Notas fonológicas Tiriyo	XIV
<i>I. O homem</i>	
1. Os tipos antropológicos e suas atitudes recíprocas	1
2. Deformações	1
3. Cuidados pessoais e higiene	7
	8
<i>II. Habitação</i>	
1. A aldeia	13
2. Casas e abrigos	13
3. Jirais e armações	16
4. Fogo e fogão	29
5. Instalação da casa	31
6. Animais domesticos	33
	34
<i>III. Transporte e viagens</i>	
1. Caminhos e estradas	37
2. Viagens por terra	37
3. Viagens fluviais	38
	41
<i>IV. Subsistência e alimentação</i>	
1. Bases de subsistência	45
2. Agricultura	45
3. Caça e pesca	45
4. Coleta	52
5. Alimentação	54
6. Preparação de comidas e bebidas	56
7. Refeições: Usos e costumes	58
	64
<i>V. Venenos e estimulantes</i>	
1. Venenos	69
2. Estimulantes	69
	71
<i>VI. Utensílios de caça, pesca e guerra</i>	
1. Armas de caça e guerra	73
2. Apetrechos de defesa	73
3. Utensílios de pescaria	95
	96
<i>VII. Utensílios de casa</i>	
1. Objetos de algodão e bromélia	101
2. Trançados de palha e de arumã	101
A. Notas técnicas (sobre os trançados Tiriyo)	108
I. O material e seu preparo	108
	109

II. Os sistemas de trançados mais frequentes dos Tiriyo	111
III. Remates de beiras	116
IV. Trançados de figuras	117
B. Utensílios de palha e de arumã	120
I. Trançados para carregar pesos: panacus e bolsas	120
II. Trançados tipo caixinha, com tampa	124
III. Trançados de cestas, sem tampa	127
IV. Trançados usados na manutenção da casa	129
V. Trançados vários, para uso ocasional	136
3. Artefatos de olaria	139
4. Recipientes	145
5. Objetos de madeira, osso ou material semelhante	148
<i>VIII. Indumentária</i>	163
1. Tangas	163
2. Adornos	166
<i>IX. Côres, tintas e pinturas</i>	183
1. As côres e sua percepção	183
2. As tintas, sua fabricação e emprego	185
<i>X. Música e instrumentos musicais</i>	195
I. Notas gerais	195
II. Instrumentos musicais	196
A. Instrumentos de sôpro	196
1. Instrumentos de sôpro com escala de modulação	196
2. Instrumentos de sôpro sem escala de modulação	198
B. Instrumentos de percussão ou rítmicos	202
<i>XI. Brinquedos</i>	205
a) Brinquedos para meninos	205
b) Brinquedos para meninas	207
c) Brinquedos para crianças de ambos os sexos	207
d) Apreciação	208
<i>XII. Os ciclos de trabalhos</i>	209
<i>XIII. A situação cultural dos Tiriyo</i>	217
<i>Apêndices:</i> I. Modalidades nominativas nos termos da ergologia Tiriyo	225
II. Plantas cultivadas pelos Tiriyo	233
III. Plantas apreciadas, mas não cultivadas pelos Tiriyo	237
IV. Plantas silvestres, utilizadas	239
Resumo	241
Summary	243
Zusammenfassung	245
Bibliografia	247
Índice de assuntos	249
Legendas para as estampas	255
Legendas para as figuras	255
Índice das tabelas	256

Prefácio do Editor

O assunto dos estudos do presente Volume V da «Völkerkundliche Abhandlungen», é a cultura material dos índios Tiriyo brasileiros. A área do «habitat» deste grupo karib abrange o alto Rio Paru de Oeste pelo lado sul da Serra do Tumucumaque.

O autor é o Pesquisador Antropólogo teuto-brasileiro Protásio Frikel, da Divisão de Antropologia do Museu Paraense «Emílio Goeldi» em Belém do Pará — Brasil que, como americanista, goza de fama internacional. Ele é o melhor conhecedor dos Tiriyo, pois durante mais de dois decênios viveu entre eles e conquistou a plena confiança desses seus amigos indígenas.

Pela publicação dos resultados das pesquisas de Frikel em Hannover, não somente será fomentado o contato entre a Divisão de Antropologia do Museu Paraense «Emílio Goeldi» e a «Völkerkunde-Abteilung, Hannover», como também será aprofundada a ligação científica e cultural entre o Brasil e a República Federal da Alemanha. A participação de pesquisadores alemães no campo da Etnografia Brasileira é há mais de dois séculos, de importância especial, e o editor deste volume sente real satisfação em poder contribuir para a conservação e continuação dessa tradição.

Protásio Frikel que também é sócio correspondente da «Ethnologische Gesellschaft Hannover, e. V.», erigiu aos Tiriyo, através de sua obra um monumento imorredouro, apresentando a vida e a cultura indígenas antes de se iniciar o processamento de aculturação à civilização e cultura brasileira.

São de grande importância ainda, as comparações com outros grupos karib das Guianas. Assim sendo, este trabalho entrará como obra clássica na literatura etnológica brasileira.

Seja ainda mencionado que o autor já colaborou no 1º Volume da «Völkerkundliche Abhandlungen» (Contribuição à etnologia sulamericana. — Edição em homenagem ao 65º aniversário de Herbert Baldus). O tema da sua contribuição de então intitulou-se: «Das Problem der Pianakotó-Tiriyo».

A realização desta edição foi possibilitada pelo generoso financiamento das seguintes instituições e empresas industriais, às quais sinceramente agradeço:

- Deutsche Forschungsgemeinschaft, Bonn-Bad Godesberg;
- Firma Günther Wagner, Pelikan-Werke, Hannover;
- Firma Dr. Madaus & Co., Arzneimittel aus Naturstoffen, Köln;
- Filial do Banco do Brasil, Hamburg;
- Norddeutsche Bank, Hannover;
- Sparkasse, Hannover;
- Provinzial-Lebensversicherung, Hannover.

Quero ainda agradecer ao «Kommissionsverlag Münstermann-Druck KG» pela impressão que, como sempre, realizou de maneira excelente.

Hannover, 3 de julho de 1973

Hans Becher

FOREWORD

The subject of Volume V of the "Völkerkundliche Abhandlungen" ("Ethnological Essays") is the material culture of the Tiriyo Indians. The living and wandering area of this Carib tribe is located on the upper Paru de Oeste, on the Brazilian side of the Tumucumaque mountain range.

The author is the German-Brazilian scholar, Professor Protásio Friel, of the Department of Anthropology of the Museu Paraense Emílio Goeldi in Belém-Pará, who enjoys an international reputation as an Americanist. Professor Friel is the most distinguished authority on the Tiriyo, because for more than twenty years he lived among them and won the complete trust of his Indian friends.

This publication of the results of Friel's investigations will further contact between the Department of Anthropology of the Museu Paraense Emílio Goeldi and the Department of Ethnology of the State Museum of Lower Saxony. It will enhance the scientific and cultural connection between Brazil and the Federal Republic of Germany. The participation of German scholars in the ethnology of Brazil has been of special significance for more than two centuries. The editor feels fortunate that he may contribute to the preservation and continuation of this tradition.

Protásio Friel, who is also a corresponding member of the "Ethnologische Gesellschaft Hannover e. V.", has immortalized the Tiriyo Indians with this work, because he describes their way of life before the beginning of the acculturation process. Furthermore he presents important comparisons to other Carib tribes of Guyana. This volume will become a classic in the ethnological literature of Brazil.

It is noteworthy that the author already collaborated on Volume I of the "Völkerkundliche Abhandlungen" ("Ethnological Essays — Contributions to the Ethnology of South America" — Publication honoring Herbert Baldus on his 65th birthday). The theme of his contribution at that time was "Das Problem der Pianakotó-Tiriyo".

The printing of this volume was made possible through the generous financing of the following institutions and companies, to whom I wish to express my sincere appreciation:

Deutsche Forschungsgemeinschaft, Bonn-Bad Godesberg
Fa. Günther Wagner, Pelikan-Werke, Hannover
Fa. Dr. Madaus & Co., Arzneimittel aus Naturstoffen, Köln
Filiale der Banco do Brasil, Hamburg
Norddeutsche Bank, Hannover
Sparkasse Hannover
Provinzial-Lebensversicherung, Hannover

Finally, I would like to thank our publisher, Münstermann-Druck KG, for the printing, which was executed in their customary tradition of excellence.

Hannover, July 3, 1973

Hans Becher

VORWORT

Forschungsgegenstand des vorliegenden Bandes V der „Völkerkundlichen Abhandlungen“ ist die materielle Kultur der Tiriyó-Indianer. Das Wohn- und Streifgebiet dieses Karibenstammes befindet sich am oberen Paru de Oeste, auf der brasilianischen Seite des Tumucumaque-Gebirges.

Bei dem Verfasser handelt es sich um den deutsch-brasilianischen Indianerforscher Professor Protásio Frikel, Anthropologische Abteilung des Museu Paraense Emílio Goeldi in Belém — Pará, der als Amerikanist internationalen Ruf genießt.

Er ist der beste Kenner der Tiriyó, denn mehr als 20 Jahre hat er unter ihnen gelebt und sich das vollkommene Vertrauen seiner indianischen Freunde erworben.

Durch die Veröffentlichung von Frikels Forschungsergebnissen in Hannover wird nicht nur der Kontakt zwischen der Anthropologischen Abteilung des Museu Paraense Emílio Goeldi und der Völkerkunde-Abteilung des Niedersächsischen Landesmuseums gefördert, sondern auch die wissenschaftliche und kulturelle Bindung zwischen Brasilien und der Bundesrepublik Deutschland vertieft. Der Anteil deutscher Forscher an der Völkerkunde Brasiliens ist seit mehr als zwei Jahrhunderten von besonderer Bedeutung und der Herausgeber schätzt sich glücklich, daß er dazu beitragen kann, diese Tradition zu wahren und weiterzuführen. Protásio Frikel, der auch korrespondierendes Mitglied der „Ethnologischen Gesellschaft Hannover“ e. V. ist, hat den Tiriyó mit diesem Werk ein unvergängliches Denkmal gesetzt, denn er beschreibt deren Lebensweise vor Beginn des Akkulturationsprozesses. Dazu kommen die wichtigen Vergleiche mit anderen Karibenstämmen Guyanas. So wird der Band als ein klassisches Werk in die völkerkundliche Literatur Brasiliens eingehen.

Erwähnt sei noch, daß der Verfasser bereits am Band I der „Völkerkundlichen Abhandlungen“ (Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas — Festschrift für Herbert Baldus zum 65. Geburtstag) mitgearbeitet hatte. Das Thema seines damaligen Beitrages lautete: „Das Problem der Pianakotó — Tiriyó“.

Das Zustandekommen des Druckes wurde durch die großzügige Finanzierung folgender Institutionen und Firmen ermöglicht:

Deutsche Forschungsgemeinschaft, Bonn-Bad Godesberg

Fa. Günther Wagner, Pelikan-Werke, Hannover

Fa. Madaus & Co., Arzneimittel aus Naturstoffen, Köln

Filiale der Banco do Brasil, Hamburg

Norddeutsche Bank, Hannover

Sparkasse Hannover

Provinzial-Lebensversicherung, Hannover,

denen ich dafür meinen ergebenen Dank ausspreche.

Abschließend möchte ich unserem Kommissionsverlag, der Münstermann-Druck KG, für die Drucklegung danken, die wieder in bewährter Weise verlief.

Hannover, den 3. Juli 1973

Hans Becher

Introdução

O presente volume sôbre o «sistema adaptativo» dos índios Tiriýó foi planejado como primeiro de uma série, tendo como escopo o estudo monográfico de uma tribo karíb: os Tiriýó. A seqüência dos outros volumes pretende abranger a organização tribal e vida social, o mundo religioso, a língua e, talvez ainda, a tradição Tiriýó como ensaio de um estudo etno-histórico do Tumucumaque. Grande parte das pesquisas foi realizada sob o patrocínio do Museu Paraense Emílio Goeldi. As notas aqui registradas incluem observações até o ano de 1964. Mostrarão, em muitos pontos, um ambiente diferente do atual, já modificado pelos contatos com a civilização de Suriname e do Brasil.

Apresentando êste trabalho, gostaríamos de explicar que o título abrange, principalmente, a cultura material e os processos de trabalho daquela tribo, parte básica do assunto. Está visto, porém, que os vários elementos culturais funcionam como uma engrenagem, não se restringindo sômente a um único setor, p. ex. a ergologia, mas se estendendo sôbre vários outros, limítrofes. Uma exposição meramente descritiva de peças culturais é, de *per si*, estafante e monótona, tanto para o leitor, como também para quem escreve. Resultaria, afinal, num simples catálogo do equipamento material da tribo. Confessamos que não nos foi possível evitar de todo a aridez do assunto e uma série de esquematizações. De fato, alguns capítulos têm aspecto de catálogo. Mas onde nos parecia viável, sem abandonar o tema proposto, colocamos os vários fatores dentro de moldes um pouco mais amplos, procurando destacar as conexões entre o sistema adaptativo do grupo e as demais esferas de sua cultura, tais como certos aspectos da economia tribal, do direito de propriedade e outros mais.

Outrossim, talvez se sinta a falta de certos elementos comumente incluídos em tratados sôbre a cultura material de um grupo indígena, como p. ex. a técnica de danças e festas, procedimento e preparativos para partos, funerais etc. Consideramos, porém, êstes assuntos de importância secundária em relação ao tema central dêste trabalho. Embora tais técnicas, p. ex. de danças ou de preparação de sepulturas se projetem incisivamente na vida indígena, elas nos parecem simples complementos de outras áreas, da organização social ou da vida religiosa. Tais assuntos serão tratados, mais tarde, em conjunto com os respectivos fatores alegados.

Incluimos também informações obtidas pelos índios que lançam algumas luzes sôbre problemas de aculturação intertribal no Tumucumaque. Em virtude da tradição manter-se bastante viva entre os Tiriýó, conseguimos anotar muitas formas arcaicas e suas origens, tanto de elementos culturais ainda existentes como de outros, hoje completamente eliminados. O resultado desta perspectiva é a tentativa de uma estratificação cultural da área Tiriýó, assunto sôbre o qual já publicamos um primeiro esboço (Frikel, 1961 a).

Em outro lugar foi dada uma nota preliminar sôbre os Tiriýó e seu *habitat* (Frikel, 1960). Para a necessária orientação do leitor julgamos conveniente recapitular alguns pontos essenciais.

Os Tiriýó são uma tribo karíb com *habitat* em ambos os lados da serra do Tumucumaque (est. II). Estendem-se suas aldeias desde o alto Paru de Leste até o rio Panamá, do lado brasileiro; e desde o rio Xipariwêni (alto Korantyne) até o rio Parumã (Paloemeu), do lado de Suriname. A tribo se compõe de uma série de grupos de linguagem comum, outrora, ao que parece, independentes, formando hoje, todavia, as sipes e linhagens Tiriýó. A transcrição do nome tribal na forma aqui apresentada,

«Tiriyó», corresponde bastante bem à pronúncia mais freqüente e é mais adaptável ao nosso sistema fonético e tipográfico, embora, etimologicamente, talvez fosse mais exato escrever /türüyó/ ou /türöyó/.

Entre os grupos Tiriyó deve-se distinguir os acessíveis que, por aculturações intertribais, vivem num nível de «cultura da floresta tropical», dos Tiriyó não acessíveis ou arredios que ainda estão numa base de vida mais ou menos neolítica, marginal. O presente estudo refere-se aos Tiriyó acessíveis. Entre estes, língua, elementos sociais e culturais são os mesmos, embora apareçam, ocasionalmente, pequenas diferenças que, porém, não influem na configuração geral da cultura desta tribo. Julgando pelas informações obtidas, não se poderá dizer a mesma coisa dos grupos não-acessíveis, os Tiriyó arredios ou «selvagens». A sua cultura parece corresponder a um tipo mais arcaico ou, em parte, até ao de uma cultura pré-ceramista; e mesmo na organização social parece haver divergências. Seria sumamente interessante poder estudar um grupo destes Tiriyó arredios para obter um quadro mais exato do desenvolvimento etno-cultural dos grupos indígenas que hoje formam o povo Tiriyó.

A bibliografia sobre os Tiriyó e sua cultura poderia ter sido aproveitada, talvez, de uma maneira mais extensa. Todavia, preferimos basear-nos em nossas próprias pesquisas e observações. Para permitir, porém, uma certa comparação do nível cultural Tiriyó com o de outros grupos karíb da área guianense, foi feita uma série de indicações para material semelhante ou equivalente. Dos autores que a esta área karíb se referem, escolhemos três: E. Roth (1924 e 1929) por oferecer um aspecto quase total da cultura material das tribos das Guianas; Ahlbrinck (1931) por incluir em sua «Encyclopaedie der Karaiiben», em termos de dicionário, vastos elementos para uma monografia dos vizinhos Kalina; e De Goeje (1906 e 1910) por ter sido o primeiro a trazer notícias mais concretas sobre os Tiriyó. É importante, todavia, prevenir que nas referências bibliográficas feitas, há tanto *concordâncias*, como também *divergências* com o material aqui apresentado, cujo estudo comparativo fica ao dispor do pesquisador interessado.

Notas fonológicas Tiriyó

Orientados pelo lingüista Ernesto Migliazza a quem ficamos gratos pela colaboração na transcrição dos termos Tiriyó, usamos neste trabalho uma elaboração preliminar — fonêmica — dos dados por nós coletados.

São empregados os símbolos /a e i o u p t k m n / com valores aproximados aos da ortografia brasileira.

Outros símbolos, com valores especiais, são os seguintes:

- ü Vogal alta, fechada, central, não-arredondada /i/ que varia livremente, de acordo com o falante, com a posterior não-arredondada /i/.
- ö Vogal média, aberta, central, não arredondada /ə/.
- f Fricativa bilabial surda /ɸ/.
- s Fricativa alveolar surda /s/.
- x Fricativa álveo-palatal surda /ʃ/ em variação livre com a sonora /ž/ e com as álveo-palatais africadas surda /tʃ/ e sonora /dʒ/.
- h Fricativa glotal surda /h/ quando precede uma vogal. Quando segue uma vogal anterior, é fricativa pré-velar surda /x̣/ e quando segue uma vogal posterior, é fricativa velar surda /x/.
- r «Flap» alveolar sonoro /ɾ/.
- w Semivogal bilabial sonora que alterna com /β/ fricativa bilabial sonora.

y Semivogal álveo-palatal sonora /y/.

Labialização e palatização das consoantes são representadas, respectivamente, por /w/ e /y/, colocadas após as consoantes.

Nasalização é indicada por um til /~/ sôbre a vogal.

Duração é designada por /:/ atrás da vogal.

O acento da palavra (fonêmico) é indicado por /' / sôbre a vogal.

Todavia, em virtude da convenção relativa a nomes tribais*), os mesmos deixam de ser apresentados sob o sistema supra, embora aquela não represente concordância exata com a pronuncia nativa. Em lista abaixo relacionamos os nomes mencionados com mais freqüência e sua respectiva transcrição fonética.

Aibúba /aybíba/

Maraxó /mařaxtšó/

Apalái /apařáy/

Parukotó /pařukotó/

Aramagóto /ařamagóto/

Pianakotó /pianakotó/

Aramixó /ařamixtšó/

Wapitxána /wapišána/ /wapidžána/

Hixkariána /hiškaryána/

Wayána /wáyana/

Kaxúiana /kašúyana/

Xarúma /šařúma/ /šařúmã/

Makuxí /makuší/

Em vista da mencionada convenção não ser coerente no emprego dos símbolos /i/ e /y/ nos sufixos -iana, -yána e variantes (p. ex. Kaxúiana, Wayána), preferimos em nomes tribais não citados pela dita convenção as formas com /y/.

Assim: Akuriyó /akuřiyó/

Okómoyána /okomoyána/

Tarípiyó /tařípiyó/

Tiriyó /tiřiyó/ /tiřeyó/.

*) Cf. Revista de Antropologia. Vol. 3, No. 2. São Paulo, 1955

O homem

Antes de entrar numa exposição da cultura material dos índios Tiriyo e dos processos de trabalhos por eles empregados, julgamos interessante conhecer, em primeiro lugar, o índio mesmo; pois nêle também se reflete sua cultura através da aplicação de processos de embelezamento, de deformações e de cuidados pessoais, que, em seu conjunto, freqüentemente se alargam e se estendem sôbre o grupo e o próprio local de moradia, como acontece, por exemplo, em assuntos de higiene. Queremos, então, destacar os seguintes pontos:

1. os fenótipos existentes e suas atitudes recíprocas;
2. deformações;
3. cuidados pessoais e higiene.

1. Os tipos antropológicos e suas atitudes recíprocas

Já em outro lugar foram dados, a maneira de um resumo e como «Notas Preliminares», os apontamentos essenciais sôbre o assunto em foco (Frikel, 1960: 9). Não se poderá evitar de repetir, até certo ponto, o que ali já foi exposto, ampliando, porém os respectivos contextos.

Antropológicamente falando, os Tiriyo se caracterizam pela falta de unidade fenotípica. Embora em sua maioria de estatura mediana, existem não poucos indivíduos que podem ser designados de altos ou de baixos. As pessoas de ambos os sexos, geralmente, são robustas. A musculatura das pernas é bem desenvolvida, pois os Tiriyo são habitantes das matas e dos campos; andam muito, utilizando-se pouco de canoas. Sômente nos rios Panamá e Paru de Leste, a canoa é mais usada como meio de transporte, porém não excessivamente, de forma que êstes fatores nunca influenciaram sôbre o físico dêstes grupos. As mulheres, normalmente, podem ser chamadas de fortes ou cheias de corpo. Algumas aparentam tendências para compleições corpulentas por serem mais baixas que os homens. Mulheres realmente obesas são muito raras.

Encontram-se tipos de rosto largo e estreito, arredondado, oval e romboidal, com traços suaves quase meigos, outros angulosos, sulcados. Em nariz e olhos aparecem também diferenciações. Os lábios ora são estreitos, finos e em outros, especialmente em mulheres, mais cheios, mas nunca carnudos no sentido negróide. Mesmo a côr da pele varia e vai de um amarelo bastante claro até um moreno bem carregado (cf. De Goeje 1906: 7). Todavia êstes tipos escuros não podem ser chamados de «prêto, negro» em sentido racial. Não têm nada em comum com a raça negra. Os Tiriyo os designam, jocosamente, de «*xikime* = prêto, negro, escuro», mas existe um termo próprio para indicar os negros como raça: *mékoro*. Entre crianças e pessoas que menos freqüentemente se pintam de urucu, as nuanças de pigmentação tornam-se mais visíveis (cf. Ahlbrinck 1931: 193). Um amigo nosso, índio, um Okômoyána, tipo bastante claro, apontando para o seu filhinho muito mais escuro que êle, disse-nos, certa vez, rindo: «Êste aqui é meu filho! Ê Okômoyána! Mas a pele dêle é Aramayána! . . .» O caso é que êle está casado com uma mulher Aramayána mais escura, da qual o filho herdou a tez.

Na tentativa de uma coordenação dêstes vários tipos e suas características destacam-se pelo menos dois, senão três fenótipos principais.

Fenótipo I — Ê um tipo essencialmente pícnico: pessoas de estatura relativamente baixa, entroncadas, de tórax largo e forte e extremidades curtas. A tez, geralmente, é bastante carregada, escura. A cabeça é grande (especialmente nos homens) e como o cabelo

é solto, parece muitas vezes sair das proporções normais. Os traços do rosto largo são um pouco grosseiros, de linhas angulosas. A fronte é alta; nariz e orelhas relativamente grandes. Bôca e aletas do nariz um tanto alargados. O queixo tende a formas arredondadas (est. III, c).

Fenótipo II — Os indivíduos dêste tipo podem ser considerados normolíneos. São de estatura mais alta, mais delgada e de tez, geralmente, mais clara. O tórax parece um pouco mais estreitado, mas não astênico. Queixo e parte inferior do rosto mostram tendências para formas ovais e arredondadas. As feições são mais lisas e tornam-se, por isso, mais simpáticas (est. III; a, d; est. VI, c). A cabeça não se projeta tanto como no tipo I. A fronte é mais alta, embora mais freqüentemente encoberta pelo cabelo. As orelhas e o nariz são menores, êste último quase afilado. As extremidades são mais longas, razão porque êste tipo dá a impressão de ser mais alto.

Existe ainda certo número de indivíduos mesclados que mais se aproximam ora dêste ora daquele fenótipo. Aparecem, aí, com certa freqüência elementos, dos quais não sabemos se constituem um terceiro fenótipo próprio ou se se trata de simples resultante de, talvez, repetidas mesclagens homólogas; pois mostram traços que aparecem tanto no tipo I como no II. Quanto à estatura, tórax e extremidades, assemelham-se ao segundo fenótipo. São, porém, de tez bastante escura. Cabeça e traços fisionômicos se enquadram mais no primeiro: rosto anguloso, romboidal, às vezes um pouco grosseiro, embora variando entre formas mais largas e mais estreitas (est. III, b). O nariz, freqüentemente, é aquilino.

Êste tipo intermediário é constituído, na sua maioria, por indivíduos que, geralmente, são designados como descendentes diretos dos antigos Aibüba, grupo básico de que, segundo os relatos Tiriyo, se originaram, mais tarde, os Aramayána e os Aramixó. Sentimento e tradição tribais apontam êste tipo intermediário como fenótipo independente, ancestral, o que, porém, anatômicamente falando, falta ser apurado.

A questão da mesclagem fenotípica entre os Tiriyo não carece de interêsse. Todavia, poderá ser resolvida somente, depois de estudos mais acurados nos indivíduos, por técnicos em antropologia física. Contentamo-nos aqui em indicar os principais sinais externos que parecem constituí-los¹).

Embora haja estas diferenciações fenotípicas, existem todavia uma série de traços comuns.

Todos têm o cabelo da cabeça preto, excetuando-se uma pequena minoria de cabelo castanho-escuro (cf. Ahlbrinck 1931: 193). Aproximadamente 80% possuem cabelo liso e rijo, por natureza sem brilho e, por isso, freqüentemente, de um aspecto preto acinzentado. Perto de 20% têm cabelo levemente ondulado. Ambas as variedades, porém, pertencem essencialmente ao tipo de cabelo lissótrico. Calvos não se vêem. Observamos um único caso de calvície incipiente no rio Panamá (cf. De Goeje 1906: 7).

Também o pêlo do corpo é preto, mas escasso. Em nenhum caso observamos pêlos no peito ou no ventre; parece não existir por natureza. Alguns poucos homens mostravam pêlos nos membros inferiores. Pilosidade mais densa aparece nas axilas e no púbis. O pêlo corporal indígena é duro, em alguns casos quase se parecendo com arame fino (cf. Ahlbrinck 1931: 193).

¹) Observamos em uma dúzia de malocas um total de perto de 400 indivíduos. Os dois fenótipos principais são facilmente distinguíveis e são, também, reconhecidos pelos próprios índios, conforme se pode verificar no texto apresentado, pag. 5 seg. Por não sermos especialista em antropologia física, utilizamo-nos para a caracterização apenas dos chamados caracteres descritivos.

Barbas faltam geralmente ou aparecem somente de u'a maneira bem reduzida. Excepcionalmente, um rapaz do Awararí do tipo claro, possuía uma leve «penugem» no lábio superior. Barba cheia, comprida, acham detestável. E já no segundo dia depois da nossa chegada pediram-nos para tirá-la, porque «as mulheres e as crianças têm medo». No Panamá, porém, o crescimento relativamente abundante de barbas e do pêlo corporal entre os homens era um pouco mais freqüente. Mas mesmo assim, não poderiam ser chamados «barbados», de forma alguma.

Os olhos são ora mais, ora menos acentuadamente mongolóides. O epicanto, típico para o olho japonês, não é raro. Como já ficou mencionado, a maioria tem os olhos pretos, mas uma certa percentagem, pertencendo mais ao tipo claro, possui também olhos castanhos (cf. Ahlbrinck 1931: 193).

Algumas divergências que, aliás, consideramos bastante grandes, encontram-se nas orelhas. Por um lado há muitos indivíduos que não possuem lóbulo destacado, e sim do tipo aderente. Por outro, a formação interna da própria concha auricular as vêzes diverge, possuindo sulcos mais profundos ou mais elaborados, especialmente na parte superior da concha, dando ao pavilhão auricular uma divisão interna um tanto diferente.

As formas do nariz variam entre estreitas e medianamente largas, levemente achatadas. Aparecem também as formas retilíneas e convexas. Nos indivíduos de nariz de base larga, as narinas se abrem levemente para cima e para fora, de forma que o septo se torna bem visível (cf. Ahlbrinck 1931: 193). Em resumo: as formas do nariz se enquadram na sua maioria no tipo mongolóide, mesorrino, embora apareçam também outras semelhantes as leptorrinas européias, especialmente dos tipos chamados semita e aquilino.

Muitíssimos índios, especialmente do tipo II, têm dentes cariados ou até estragados (cf. Ahlbrinck 1931: 193). Fístulas dentárias são freqüentes. A muitos faltam os incisivos superiores. Este fenômeno é tão freqüente que, a princípio, deu motivo para supor que se tratasse de algum costume de extrair êstes dentes. Mas não é. Êles somente os extraem quando estragados. Os índios admiram obturações e as desejam para a conservação ou recuperação de seus dentes.

A pele do índio Tiriyo, normalmente, é limpa, lisa e macia, talvez devido ao freqüente uso de urucu, misturado com óleos (cf. Ahlbrinck 1931: 193). Ao que nos parece, os poros da epiderme são maiores do que os dos europeus. Possivelmente provenham daí certas diferenças da respiração cutânea, transpiração, secreção de cêra, etc. O índio sua pouco e raras vêzes.

Mãos e pés, geralmente, são pequenos, embora se encontrem certas diferenças na forma do pé. Nossas alpercatas, que não deixaram de experimentar, eram-lhes muito grandes. Uns poucos somente (todos do tipo «intermediário», alto-escuro), tinham pés cujo tamanho correspondia ao n.º 40 dos nossos calçados. Nos representantes do tipo I, os dedos todos são curtos, de aparência cilíndrica sem articulações salientes. Especialmente os dos pés formam uma linha quase reta, de maneira que, à primeira vista, tem-se a impressão de que todos são de tamanho igual. O pé é curto, baixo e largo. O grande artelho quase sempre é bem afastado.

Os pés do tipo II se assemelham, em sua forma exterior, mais aos da raça branca. São mais estreitos, de dorso mais alto. As extremidades dos dedos não formam linha reta, mas antes levemente ovalada.

Grande parte dos índios possui o famoso «passo de papagaio», isto é, um modo de

andar com a extremidade anterior do pé dirigida para dentro. Foi observado especialmente no tipo I, entre indivíduos com o artelho grande mais afastado. No tipo II, embora não de todo ausente, é menos destacado, razão pela qual o seu andar parece mais elástico.

Muitos homens possuem o tórax forte e musculoso e têm aparência de atletas, mais ainda porque o tórax se destaca da cintura pelviana que normalmente é estreita e de pouca circunferência, variando entre 58 e 66 cm, em média. A musculatura peitoral, não raras vezes é tão desenvolvida que, vistos de longe, e mais ainda com o cabelo solto e comprido que usam, o seu aspecto lembra o de uma mulher. A aréola da mama masculina é pequena, mas o mamilo, especialmente entre indivíduos escuros, torna-se bastante saliente, sendo de forma cilíndrica ou tubular.

As mulheres possuem, via de regra, um corpo bem proporcionado. A cintura, porém, é pouco marcada. Quando novas, as mamas variam entre pequenas e médias e suas formas entre hemisféricas e cônicas. Depois do primeiro filho porém, tornam-se pendentes e flácidas. Ocasionalmente nota-se assimetria das mamas. Atribue-se este fenômeno ao fato de terem carregado pesos (como baldes com água, etc.) preferencialmente num lado só, quando ainda meninas. Acreditam que isso prejudica o crescimento da mama no respectivo lado. Em média, as mulheres têm mamas com a aréola de aproximadamente 5 cm de diâmetro. Não é, porém, raro, encontrarem-se mulheres com aréolas grandes que, em certos casos, se estendem sobre um terço do total da mama. O mamilo se pronuncia bastante, também em moças e mulheres não casadas. Nos tipos escuros predomina a forma tubular ou cilíndrica; bulbiformes também são freqüentes. Nota-se com menos freqüência um tipo de mamilo invaginado que, em vez de formar uma protuberância, é constituído por uma cavidade. Mocinhas na época de puberdade têm, as vezes, as aréolas e os mamilos extremamente desenvolvidos, enquanto o tecido glandular ainda está completamente subdesenvolvido. Mais tarde, com o crescimento da mama este fenômeno desaparece.

Tipos gordos, obesos, são muito raros. Os indivíduos com ventre proeminente sempre padeciam de verminose, de doenças do fígado, etc. Muitos homens têm tendência para distensão do estômago, provavelmente por causa das enormes quantidades de bebidas que costumam ingerir durante as festas.

O índio dá certa atenção ao umbigo. Os protusos são considerados feios, enquanto que os umbigos invaginados são belos. Temos a impressão de que a isso se liga qualquer crença popular, mas não a sabemos indicar com certeza. É freqüente eles quererem ver e verificar a forma do umbigo dos forasteiros, mesmo sendo estes civilizados ou de outra raça.

A *mancha mongólica* é mais freqüente do que, a princípio, julgávamos. Todavia, não queremos afirmar que ela seja comum entre os Tiriyó. Para isso faltam observações mais pormenorizadas. É sabido que ela desaparece nos primeiros anos de vida, razão pela qual ficamos surpreendidos em poder observar que, entre algumas pessoas de idade avançada, ela existia. Fica aí o problema, se ela na senectude pode reaparecer ou se, ocasionalmente, não se apaga. Não temos informações sobre o assunto.

Os órgãos sexuais masculinos podem ser classificados de pequenos. O prepúcio, porém é bastante comprido, talvez mecânicamente prolongado por estar freqüentemente apertado sob o cordel peniano. Acham feio um pênis grande e ridicularizam especialmente os *bush-negros* devido o seu membro comprido. A coloração da bôlsa escrotal, muitas vezes é escura, acinzentada, até violácea.

